

VIAGEM SOLITÁRIA: UM ESTUDO SOBRE LIBERDADE FEMININA NO CINEMA DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEO

Carlos Eduardo Fialho¹ & Tatiana Miranda²

Resumo: Essa pesquisa analisa indícios da liberdade e autonomia feminina na contemporaneidade através de viagens solitárias de mulheres. Analisamos dois filmes de ficção recentes na busca desses indícios: *Comer, Rezar, Amar* (Ryan Murphy, 2010), e *Juanita* (Clark Johnson, 2019). *Comer, Rezar, Amar* (2010) é um filme sobre uma mulher que tenta resgatar sua identidade através de viagens solitárias, após passar por experiências pessoais de forte impacto emocional. *Juanita* (2019) narra a história de uma mulher negra, de meia idade, em busca da independência, novos relacionamentos e o sentido da vida através de uma viagem solitária. Os dois filmes serão analisados através do método de leitura da narrativa e narração fílmica, buscando indícios que nos conduza à compreensão do termo “liberdade feminina” nas obras em questão. O feminismo contemporâneo — chamado de 4ª onda — possui como pauta a luta por direitos iguais e a autonomia da mulher. As mulheres retratadas nos filmes selecionados não são ativistas do movimento feminista, elas se inserem nesse contexto de 4ª onda porque perseguem e vivenciam sua liberdade viajando sozinhas por um mundo ainda hostil às mulheres. Pesquisar e analisar essas experiências através do cinema permite compreender os lugares do olhar feminino sobre a liberdade e construção da identidade feminina na contemporaneidade.

Palavras-chave: Cinema contemporâneo; Liberdade feminina; Viagem; Mulher.

Contacto: carlosfialho@uol.com.br e tatianamiranda1983@gmail.com

Introdução

Há exatamente dez anos, estávamos viajando de carro e paramos em uma lanchonete na estrada. Durante nosso lanche algo nos chamou muito a atenção: um ônibus de excursão parou no estacionamento da lanchonete e várias mulheres, a maioria acima de cinquenta anos, começaram a sair do veículo. Era nítido que aquelas pessoas estavam fazendo uma viagem em um grupo exclusivo de mulheres, percebemos, depois que conversamos com algumas delas, de que ali se configurava uma tendência. De lá para cá começamos a prestar atenção a esse formato de viagem, e vimos que ele se

¹ Sociólogo, Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor associado da Universidade Federal Fluminense.

² Pedagoga, Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense e Analista em Informações Estatísticas e Geográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Fialho, Carlos Eduardo & Miranda, Tatiana. 2022. “Viagem solitária: um estudo sobre liberdade feminina no cinema de ficção contemporâneo”. In *Atas do X Encontro Anual da AIM*, editado por Carlos Natálio, Elisabete Marques e Marta Pinho Alves, 234-242. Lisboa: AIM. ISBN: 978-989-54365-4-5.

intensificou. E mais. Além da viagem em companhia de outras mulheres (em vez de viagens com companheiro (a) ou família), muitas mulheres passaram a viajar sozinhas, por opção e não por necessidade.

Essa maneira de viajar nos interessou muito. O que estávamos vendo era uma expressão da liberdade feminina em forma de ação cotidiana. Algo que historicamente era uma prática quase que majoritariamente masculina: viajar solitariamente a fim de desbravar o mundo e, muitas vezes, a si mesmo, torna-se algo mais disseminado entre as mulheres nos dias de hoje. Logicamente, vemos na história exceções, que só servem para confirmar a regra. A inglesa Margery Kempe, casada, mãe de quatorze filhos e nascida no século XIV, peregrinou, desacompanhada da família, até Jerusalém, Alpes, Itália, Inglaterra e Norte da Europa. Já Alexandra David-Néel, francesa nascida no século XIX, dizia que “aventura é minha única razão de viver”. Percorreu a Europa, Vietnã, Índia, África, China, e Lhasa, capital administrativa do Tibet cuja entrada não era permitida a estrangeiros na época. Lhasa era conhecida como “a cidade proibida”. Kempe e David-Néel são alguns exemplos das raras mulheres que, ao longo da história, se aventuravam sozinhas pelo mundo.

O cinema representa a realidade, não a reproduz, sob nenhum aspecto. Representa o conjunto das práticas que compõem a vida em sociedade. Recorrentes e plenamente aceitas ou aquelas que se configuram no horizonte ainda pouco claro das transformações dos papéis sociais. Representa com a intencionalidade do realizador, mas também representa com a não intencionalidade do quem elabora o filme. Guardando uma parte (não importa se grande ou pequena) como expressão de uma época, seja pela tecnologia embutida no filme, seja pela abordagem do tema ou mesmo por permitir, sem maiores pretensões, que aspectos dos temas tratados sejam representados com elementos que nos informam sobre o ambiente cultural de realização do filme. É sobre isso que trataremos na análise dos filmes *Comer, Rezar, Amar* (Ryan Murphy, 2010) e *Juanita* (Clark Johnson, 2019), mulheres que se lançam sozinhas em viagens motivadas por questões pessoais, em grande parte são motivações que surgem do fato de se tratar de personagens mulheres, nas primeiras décadas do século XXI.

O que a Liz (*Comer, Rezar, Amar*) e a Juanita (*Juanita*) tem em comum com mulheres do século XV e XIX? A vontade de ultrapassar os limites sociais impostos aos comportamentos possíveis às mulheres, limitadas pelos padrões de gênero socialmente aceitos.

Mulheres viajantes na História

É notável como o fato de estar viajando pelo oriente desacompanhada, enfrentando os conflitos inerentes a uma jornada em território culturalmente pouco conhecido das mulheres europeias, levaram Margery Kempe a experimentar experiências extremas. Kempe, uma mulher do século XIV e XV que foi impulsionada na decisão de empreender uma viagem da Inglaterra à Jerusalém, pelos conflitos domésticos e pelo fervor religioso, parecem motivos muito mais próximos das razões e justificativas aceitas pela sociedade quando se trata do universo feminino.

No mundo masculino da época talvez bastasse a vontade e as condições materiais e emocionais. Ou seja, vocação para a aventura para levar um homem a conhecer novos lugares do planeta, empreender negócios distantes, se engajar em um novo projeto religioso ou político. Pedro o Grande, czar da Rússia, guardadas as proporções do poder político, empreendia muitas viagens, que eram uma novidade na Rússia do século XVII e XVIII. O czar foi impulsionado em suas viagens por todos os itens anteriormente mencionados, e mais alguns. Esse exemplo nos importa porque sua segunda mulher, Catarina, o acompanhava na maior parte das viagens empreendidas, mas não como uma mulher provida de vontade, independente, mas como acompanhante do marido. Esse era um fato novo na Rússia da época. Algumas mulheres, poucas, é verdade, nesses séculos, empreendiam viagens solitárias, impulsionadas por razões pessoais, não como coadjuvantes da figura masculina.

Já na segunda metade do século XIX (Alexandra David-Néel nasceu em 1868) a modernidade estava em curso. Transformações sociais, políticas, institucionais e, principalmente, novas configurações culturais podiam ser experimentadas sem o peso da reprovação social imposta nos séculos anteriores. Transformações políticas e religiosas não impunham aos adeptos das novas formas de vida as dores da reprovação e punição com a mesma intensidade que se observava antes das revoltas do 1848. Dessa forma Alexandra, apesar de ter a educação religiosa guiada pelo catolicismo pôde, no acúmulo das experiências da vida, aderir à religiões que lhe pareciam mais atraentes e se tornar uma importante divulgadora das práticas do budismo, reconhecida intelectual e socialmente.

A sua adesão ao budismo foi uma luta interna, pessoal, transposta com os esforços de uma mulher em busca de novos horizontes no século marcado pela razão e iluminismo, onde a expansão de horizontes em busca de conhecimento era socialmente reconhecido. E Alexandra, uma mulher, investiu nas frestas abertas pela modernidade.

Outro aspecto importante, mas que não os fatores que permitiram a uma mulher circular e se fazer reconhecida em espaços e culturas proibidos às mulheres, foi sua formação política anarquista, estimulada pelo seu pai e amigos da família. Muito cedo Alexandra conheceu os horizontes que se abriam à luta por direitos das mulheres com os ideais anarquistas. Muitos desses ideais foram bem aceitos por ela, outros rejeitados, como, por exemplo, o direito das mulheres ao voto. Esse fato nos informa, sem entrar em juízo de valor, sobre sua capacidade que se revela muito cedo, de fazer escolhas entre padrões e ideias hegemonicamente correntes, e grupos que objetivavam novas configurações sociais.

Comer, Rezar e Amar e Juanita- viagem feminina no cinema de ficção contemporâneo

Liz, no filme *Comer, Rezar Amar* é uma mulher casada, bem empregada com padrão de vida elevado, acesso a bons restaurantes, carro e casa confortável. Juanita, no filme de mesmo nome, é mãe de três filhos, dois adultos e um terceiro saindo da adolescência, negra, subempregada, o filho mais velho cumpre pena, a filha é mãe solteira e, aparentemente deixa seu filho aos cuidados de Juanita para sair na noite e o terceiro filho, o mais novo, se aproxima de companheiros que certamente o levarão para o crime. Juanita carrega a família e o sustento da casa nas costas, não deixa vestígios de que se permite algum prazer na vida, a não ser em sua imaginação. São essas duas personagens que irão nortear nossa análise. A busca da vivências dos seus desejos longe da realidade dos respectivos cotidianos. Esse é outro ponto em comum entre Liz e Juanita.

Comer, Rezar, Amar é um filme que trata da materialização da vontade. Por materialização da vontade entendemos o processo de elaboração dos desejos à partir das experiências vividas, sem grandes planos previamente elaborados e metas fixas a serem perseguidas. Existe um desejo que move a personagem, revelado no diálogo com seu marido naquele momento. Liz precisa ir ao Caribe a trabalho e pergunta insistentemente se o marido não quer acompanhá-la. Finalmente, quando estão os dois na cama, à noite, antes de dormir, Liz pergunta novamente, agora objetivamente, ao marido se ele vai ao Caribe com ela, e a resposta dele é objetiva: "não quero ir ao Caribe". Liz retruca no mesmo instante e no mesmo tom: "não quero continuar casada".

Superadas algumas dúvidas e um relacionamento fracassado após o casamento, Liz resolve viajar para experimentar sensações diferentes da rotina que ela vivia no

casamento e ensaiava repetir na relação com o namorado depois de terminando o casamento. Ela define que vai passar um ano viajando para encontrar o equilíbrio interior. Vai à Itália, Índia e Indonésia em busca de experiências que não estão previamente definidas e que, ao final do filme, nos revelam para cada um desses lugares situações diferentes.

Se na Itália a comida se torna relevante, nada impediria que o "novo", o "inesperado" surgisse a qualquer momento e definisse o rumo da história. Na Índia existe menos expectativa quanto ao inesperado, porque a busca é pela espiritualidade, mas na Indonésia não há um plano pré-definido sobre o que encontrar, o que movimenta a personagem é a descoberta do que é possível viver a cada dia. A Itália é uma espécie de antessala da viagem de uma mulher solitária. A saudade das pessoas, inclusive do ex-namorado, assola vez por outra o dia a dia de Liz. Mas a experiência de estar só não é sofrida. Ela não está sozinha, faz amigos, aprende o italiano, conhece outras pessoas sem se envolver emocionalmente. A experiência agradável da Itália não faz com que ela passe o "ano sabático" desenvolvendo novas relações de afeto e companheirismo.

Liz então parte para a Índia. Nesse momento ela se vê frente ao desconhecido, são níveis variados de confrontos com ela mesma. As experiências dos outros, tipos variados, mais novos e mais velhos que ela, a colocam na frente do espelho. Espelho das experiências vividas que por pouco não transformam o projeto de encontrar a si mesma na armadilha de não ser mais capaz de compartilhar a vida com outras pessoas. Essa dureza da alma, reflexo da imagem espelhada na Índia, desembarca com ela na Indonésia.

Comer, Rezar, Amar é um filme de "final feliz", o amor romântico vence e a felicidade existe como prêmio para o investimento em si mesma. Liz quebra o isolamento de quem precisa se reconhecer na experiência de estar sozinha e se abre ao compartilhamento dos desejos. Ela cede ao convite de um homem (Felipe) que encontra na Indonésia e compartilha com ele o medo de voltar a existir fora da integralidade do desejo individual. Sem entrar em detalhes das cenas (se esse artigo despertar alguma curiosidade do leitor, esperamos que recorram ao filme), Liz resiste ao convite de Felipe para embarcar numa canoa para uma ilha porque essa aventura não estava entre as possibilidades dos seus quereres. Mas ela volta atrás, ela cede, quando o afastamento de Liz e Felipe parece definido. Liz volta atrás, corre em direção onde Felipe havia marcado para embarcarem para a ilha e segue com ele em direção ao que Felipe descreve como seu paraíso. O triunfo da relação conjugal atribuído ao papel social da

mulher. Porém, em sua jornada iniciada com a intenção de se afastar dos papéis que lhe foram atribuídos - quando resolve viajar sozinha - ela é corajosa, é uma mulher desvendando a si própria nas experiências do cotidiano.

Juanita é um filme que tem a mesma estrutura de *Comer, Rezar, Amar*. Uma mulher negra, pobre, faxineira em um hospital, com problemas estruturais familiares, o filho mais velho é presidiário, a filha é mãe solteira mas deixa a criança com Juanita para se divertir à noite (o filme não é explícito sobre o que ela faz quando sai à noite) e o filho mais novo resvala na criminalidade com o grupo de companheiros mais próximos. Juanita vive o drama do dia a dia, ela não percebe uma saída na teia de problemas familiares e financeiros onde está envolvida. Sua válvula de escape é um amante imaginário que a explora. Até em sonho ela é personagem passiva na malha dos relacionamentos.

Juanita procura se afastar da complexidade dos problemas planejando uma viagem à costa oeste dos Estados Unidos, para ver o mar. Mas não tem uma rota traçada. Depois de fazer contato com sua irmã, falar dos seus planos e receber o apoio dessa, vai ao guichê da rodoviária (ela não tem muito dinheiro) e compra uma passagem aleatoriamente para uma cidade (Butte, Montana) na rota para a Costa Oeste. Juanita viaja sozinha, busca encontrar seu ponto de equilíbrio em contraste com os conflitos domésticos. Não tem um destino único, ida e volta, a passagem rodoviária que ela compra para a localidade de forma aleatória é apenas de ida.

No caminho tudo pode acontecer e de fato acontece. Experiências de trabalho, revigorando e dando um novo perfil ao restaurante da parada onde ela desce para um café (e por lá fica), experiências místicas, experiências afetivas e finalmente a experiência amorosa, encontrando no dono do restaurante um amor não mais imaginário. Mais um amor romântico, tal qual Liz encontrou em *Comer, Rezar, Amar*. O filme *Juanita* vai além, conclui com final feliz os personagens da família. O filho mais velho sai da cadeia em liberdade condicional e vai trabalhar com ela no restaurante e a filha consegue um bom emprego e cuida da própria filha. Juanita não é necessariamente um filme de autoconhecimento, mas um filme de busca de alguma experiência, algum encontro na vida, humano ou de ambiência, que a retirasse do estado da vida que se esvaía nas malhas dos conflitos de família e restituísse o equilíbrio interior perdido. O mote da viagem de Juanita é a coragem para partir em direção a lugar nenhum mas com um desejo definido: ver o mar.

Conclusão

Na atualidade vemos que o ato de viajar se torna um desejo bastante massificado. A palavra *wanderlust* (desejo de viajar) é cotidianamente vista em frases pelas redes sociais e em tatuagens adornando a pele de apaixonadas viajantes. De acordo com Lipovetsky (2016), a contemporaneidade é marcada pelo intenso desejo pela leveza. Seja nos objetos, corpo, esporte, alimentação, arquitetura ou design. “O pesado evocava respeito, seriedade e riqueza; o leve a quinquilharia, a ausência de valor. (...) A leveza não está mais associada à falta, mas à mobilidade, ao virtual, ao respeito ao meio ambiente” (Lipovetsky 2016, 19). O cotidiano contemporâneo é marcado por novos desejos de leveza.

Quando falamos nas viagens solo femininas essa leveza se intensifica. Mover-se pelo mundo atendendo aos próprios desejos e curiosidades com relação aos lugares visitados. No caso das personagens Liz e Juanita, vemos diversos pesos da vida cotidiana que são amenizados pelas viagens que empreendem. O peso do machismo estrutural e suas consequências, da prisão a um relacionamento falido, a exploração pelos filhos adultos, a sobrecarga de trabalho, sendo doméstico ou remunerado, o abuso financeiro, as pressões estéticas, enfim, ser mulher é lidar com questões que pesam, cansam, exaurem. Dessa forma, vemos que viajar sozinha se torna um espaço de liberdade e leveza, e os filmes analisados retratam muito bem essa ideia.

Viajar sozinha e “enfrentar o mundo” também faz parte da reivindicação de muitas mulheres à sua liberdade. Em um passado muito recente, não era muito comum que mulheres viajassem sozinhas. A crescente conquista de autonomia financeira, o reconhecimento da experiência de viajar como algo importante e desejado na contemporaneidade, e a maior liberdade das mulheres nos espaços públicos colaboram para que essas viagens ocorram, a despeito da discriminação de gênero. Os limites à vivência das mulheres nos espaços públicos mudam através da história conforme observa Michelle Perrot em sua obra *Mulheres Públicas*:

“Entender as proibições é também compreender a força das resistências e a maneira de contorná-las ou de subvertê-las. As frentes de luta das mulheres, suas tentativas de atravessar os limiares muitas vezes provocam a violenta reação dos homens. Mas existem também outros tipos de relações- de aliança, de cumplicidade, de amizade, de amor. Trata-se menos de guerras do que de escaramuças, menos de

frentes do que de linhas quebradas ou deslocadas. Assim, as fronteiras que limitam a vida das mulheres, atribuindo-lhes mais um destino do que uma sina, movem-se ao longo do tempo” (Perrot 1998, 91).

Assim vemos que tanto para Liz como para Juanita, a ideia de deixar, por um período de tempo, seu cotidiano para se mover pelo mundo de acordo com seus desejos faz parte de uma resistência, de um enfrentamento aos papéis mais tradicionais desempenhados pelas mulheres. Para Liz, envolta pelas pressões profissionais, estéticas e sociais de Nova York, e recém-separada, é um ato transgressor se fartar de massa na Itália, engordar e não caber mais na sua calça jeans (em Nova York ela comia majoritariamente salada). Assim como em vez de focar toda sua energia na carreira e trabalho, se permitir olhar para dentro em um retiro de meditação na Índia. Buscar a si mesma em detrimento de ambições do mundo material (algo tão demandado nos dias de hoje, ser “bem-sucedida”). Também foi importante para essa personagem colocar um ponto final em seu casamento coroando esse decisão com a abertura para um novo relacionamento com um homem que conheceu na Indonésia. Abrir mão da necessidade de controle que também massacra as mulheres “bem-sucedidas” nas grandes cidades. Esses atos também são reivindicações a uma forma de vida que atendessem à vontades próprias de Liz.

No caso de Juanita, o peso dos filhos adultos que dependiam financeira e afetivamente dela, o preconceito racial, social e de gênero vivenciado nas suas experiências mais cotidianas, a pobreza, a humilhação, foram enfrentados através do fato de Juanita colocar um grande desejo seu em primeiro lugar: ver o mar. Um simbolismo interessante, já que o mar representa ampliação do horizonte, serenidade e liberdade: tudo o que a personagem não vivenciava, sufocada pelas demandas incessantes da família e pela tragédia do crime que já havia levado um de seus filhos à detenção e rondava o filho mais novo. Viajar, ver o mar, se permitir essa liberdade, forneceu à Juanita a possibilidade de viver uma vida mais adequada às suas reais intenções e desejos, e não uma vida ao sabor das demandas de seus filhos. Juanita, enfrenta a papel tradicional de “mãe mártir”, que a vida lhe impunha, e viaja em busca do encontro com algo mais, um horizonte mais amplo, reivindicando uma existência diferente para si mesma.

BIBLIOGRAFIA

- Bauman, Z. 1999. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. *Modernidade Líquida*. 2001. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- França, J. M. C. (org.). 2008. *Mulheres Viajantes no Brasil (1764-1820): antologia de textos/ Jemina Kindersley, Elisabeth Macquarie, Rose Freycinet*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Giddens, A. 2002. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Hollanda, H. B. de (org.). 2019. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- _____. 2018. *Explosão Feminista: arte, cultura, diversidade e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lipovetsky, G. 2016. *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. Barueri: Manole.
- Perrot, M. 1998. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Telles, N. 2017. *Mulheres Viajantes: sete jornadas insólitas*. São Paulo: Annablume.

FILMOGRAFIA

- Murphy, Ryan. 2010. *Comer, rezar e amar*. Sony Pictures.
- Johnson, Clark. 2019. *Juanita*. Netflix.